

ELEMENTOS E IMAGENS DA VIDA SUBJETIVA NA OBRA MINIMA MORALIA, DE THEODOR ADORNO, E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE HUMANIDADES

ELEMENTS AND IMAGES OF SUBJECTIVE LIFE IN THE MINIMUM MORALIA, BY THEODOR ADORNO AND ITS IMPLICATIONS FOR THE TEACHING OF HUMANITIES

Ériton Maia de Macedo¹
Cleudson de Jesus Rocha²

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a condição do indivíduo no mundo contemporâneo, concentrando-se nas determinações que o empurram para o declínio, no que diz respeito a autonomia e autodeterminação. Assim sendo, tem como objetivo geral elucidar elementos e imagens relativas à experiência subjetiva na primeira parte da obra *Minima Moralia*, de Theodor W. Adorno. O trabalho organiza-se a partir de uma pesquisa bibliográfica em Adorno e Horkheimer (1985); Adorno (1993 e 2022), além de Lee (2019) e Estevez (2023). O trabalho mapeia e coloca em questão fragmentos da obra *Minima Moralia* referentes à dissolução da subjetividade no mundo contemporâneo, delineando as manifestações dessas ocorrências na vida ordinária dos indivíduos; identifica aspectos que atestam o enfraquecimento do contato, como fruto das formas culturais no capitalismo avançado e aponta as implicações da crise da subjetividade para o ensino de humanidades.

Palavras-chave: Theodor Adorno; *Minima Moralia*; teoria crítica; subjetividade; ensino.

Abstract

This article proposes a reflection on the condition of the individual in the contemporary world, focusing on the determinations that push him towards decline, with regard to autonomy and self-determination. Therefore, its general objective is to elucidate elements and images related to subjective experience in the first part of the work *Minima Moralia*, by Theodor W. Adorno. The work is organized based on a bibliographical research in Adorno and Horkheimer (1985); Adorno (1993 and 2022), as well as Lee (2019) and Estevez (2023). The work maps and questions fragments of the work *Minima Moralia* referring to the dissolution of subjectivity in the contemporary world, outlining the manifestations of these occurrences in the ordinary lives of individuals; identifies aspects that attest to the weakening of contact, as a result of cultural forms in advanced capitalism and points out the implications of the crisis of subjectivity for the teaching of humanities.

Keywords: Theodor Adorno; *Minima Moralia*; critical theory; subjectivity; teaching.

¹ Licenciado em Filosofia pela PUC-MG. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL/UFAC. Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado do Acre.

² Doutor em Filosofia pela UGF-RJ. Professor Associado na Universidade Federal do Acre. Email cleudson.ufac@gmail.com

Introdução

O posicionamento de Theodor Adorno (1903-1969) inscreve-se na tradição que ficou conhecida como *teoria crítica*, performada com mais ênfase na Escola de Frankfurt. O principal objetivo declarado pelos intelectuais que compõem esta tradição é produzir um diagnóstico sobre as razões da continuidade e vigor do capitalismo, mesmo diante de suas inúmeras contradições. O capitalismo, no início do século XX, já tinha a seu favor uma gama de recursos técnicos, capazes de impulsionar o que o mercado considerava como progresso. Esse aparato técnico-científico passa, assim, a operar uma mudança no sistema de dominação dos grupos, migrando da esfera econômica para a esfera cultural, produzindo a dissolução do sujeito, que, afetado pela indústria cultural, deixa de agir em benefício de sua autonomia, sem sequer desconfiar que a estar perdendo.

As tratativas da Escola de Frankfurt sobre o anacronismo da condição do sujeito contemporâneo não são coerentes em sua abordagem, pois não existe uma linha clara a partir da qual os autores vinculados a essa Escola, se posicionem na defesa da autonomia do sujeito moderno. Contudo, é possível falar-se de uma certa indignação desses intelectuais “com os obstáculos à realização da possibilidade de felicidade genuína para todos” (Estevez, 2023, p. 191). Martin Jay, em entrevista a Estevez (2023), referindo-se à obra dos frankfurtianos, considera que o grupo mantinha um interesse perene pelas críticas aos fracassos da razão ocidental no cumprimento das promessas iluministas. Para o autor, os intelectuais de Frankfurt não eram figuras desinteressadas, mas, ao contrário, eram guiados por um projeto de exposição sistemático das razões do declínio da emancipação e da liberdade.

Esse quadro nos permite a construção de uma hipótese que norteia a investigação de que, em *Minima Moralia*, o autor da Dialética do esclarecimento complementa seu diagnóstico sobre a dissolução da autonomia dos sujeitos, refletindo sobre os elementos que demonstram o comprometimento da posição autônoma do indivíduo. Assim, nos desenvolvimentos abaixo, discutiremos brevemente sobre a natureza da obra *Minima Moralia* e suas marcas mais conhecidas, enquanto parte do mesmo projeto que deu causa à Dialética do esclarecimento, que é investigar por que a humanidade, apesar dos avanços científicos e técnicos, regrediu ao ponto de suas práticas sociais não corresponderem ao progresso alcançado na esfera técnica.

1 - A modernidade em seu espelho: *Minima Moralia* e os sintomas do adoecimento do contato

Em *Minima Moralia* (1993) Adorno discute o anacronismo da abordagem subjetiva, que mesmo quando pretende escapar ao objetivismo que pauta o pensamento científico do século XX, ainda assim recai num desafio de enfrentar a necessidade de equilibrar a experiência subjetiva como crítica à ideologia burguesa, já que esta é moldada pela estrutura social e econômica da sociedade capitalista, sendo, portanto, produto da alienação. Para Adorno (1993), a sociedade capitalista cria condições que levam à alienação do indivíduo, tornando a subjetividade uma forma de resistência. As questões que perpassam a *Mínima Moralia* em relação à construção de saídas para o sujeito partem da constatação de que este caiu na desatenção intelectual, na “arbitrariedade silenciosa”. Dessa forma, sua existência só é possível no plano privado e na esfera do consumo, ou seja, em sua configuração alienada, determinante da existência individual. O que sobra como vida é manifestado no/pelo sistema de produção: o ser reduzido e degradado.

Essa é a lógica de um processo histórico que se pautou pela ideologia do progresso, nascida com as Luzes, e que teve sua suprema expressão filosófica na concepção de história de Hegel, na medida em que, para este autor, cada acontecimento correspondia a um momento do processo histórico, que levaria a humanidade à felicidade e à liberdade, que um dia triunfaria como espírito absoluto, fazendo reinar a mais avançada das épocas, iluminada pelo conhecimento, pacífica pelas diretrizes da razão, desenvolvida pelas descobertas da ciência e livre pelo desejo da humanidade.

Os trabalhos de Adorno sufragaram os sintomas de um novo tempo, uma era de pós-possibilidades. O principal marcador dessa nova sensibilidade origina-se no fato de que o pragmatismo do capitalismo avançado inaugurou a época da tecnociência, que delineia um jeito de ser específico para a sociedade avançada, funcionando como a principal característica da sociedade do conhecimento, para a qual não existem limites possíveis para os desenvolvimentos científicos.

Contudo, embora o conhecimento tenha sido o norte que imprimiu os desenvolvimentos sociais e humanos, delineando as marcas civilizatórias que conhecemos, foi, segundo Adorno e Horkheimer (1985), sob os seus auspícios que a humanidade conheceu novas formas de barbárie e regressão. As razões do sofrimento que não abandona o homem, é que o sujeito moderno, esvaziado de sua condição de ser em si e para si - em razão da força das determinações empreendidas pela esfera da produção e do consumo - experimenta uma configuração alienada, determinante da existência individual não como ser autônomo e livre, mas dependente e subjugado.

2 - A condição do indivíduo no mundo contemporâneo: reflexos no ensino de humanidades

As experiências de formação, docência e administração de sistemas de ensino – vivenciadas ao longo de uma carreira como profissional do ensino, desde o final dos anos de 1980 - permitem-nos afirmar que grande parte dos problemas escolares decorrem da inaptidão para os estudos sistemáticos, especialmente aqueles de natureza acadêmica, que se dão por métodos e procedimentos teóricos próprios.

A docência de disciplinas teóricas, como a filosofia, a sociologia e outras de natureza argumentativa, exige certas habilidades, que muitos alunos não dispõem, em razão da alteração de suas práticas sociais, que se voltam para o consumo de dados que circulam por via eletrônica, especialmente por meio de dispositivos tecnológicos de informação e comunicação. Por estes veículos circula uma gama de dados, atraentes e amplamente sedutores, que passam a compor o horizonte cultural dos estudantes, levando-os a dispensarem outros saberes, principalmente aqueles que exigem capacidade crítica e criativa, para seu adensamento.

Em razão destas disposições, consideramos importante mapearmos os traços culturais que formam as subjetividades dos indivíduos, no mundo de farta produção do conhecimento, e de distribuição veloz desse conjunto de informações. Dessa maneira, compreendemos que na obra do filósofo frankfurtiano Theodor Adorno, é possível encontrar um diagnóstico de época do capitalismo avançado, com suas marcas mais prementes, como a segregação da subjetividade e das realidades psíquicas dos indivíduos.

Assim sendo, propomos uma leitura/mapeamento e análise crítica da obra *Mínima Moralia*, para trazer à luz as imagens teóricas que o autor formula sobre a subjetividade nos tempos atuais. Esta pesquisa nos permite entender a ameaça à autonomia, e assim, servirá para compreendermos as práticas sociais dos estudantes em relação ao desapego ao conhecimento teórico e crítico. Por outro lado, sempre vale a pena ater-nos a um autor que, embora não tenha formulado uma obra propriamente pedagógica, dedicou-se firmemente ao debate sobre a vida social em seu mais amplo espectro, tendo, na última década de sua vida, enriquecido a discussão sobre os fins e objetivos da educação (Adorno, 1995).

Em relação aos aspectos metodológicos, a pesquisa adota uma metodologia qualitativa, com viés bibliográfico. Como tal, o trabalho de pesquisa se debruça sobre a obra *Minima Morália*. Complementarmente, utilizaremos as seguintes obras: Educação e emancipação - com o objetivo de compreender a maneira pela qual a educação pode

contribuir para a formação da autonomia e da emancipação e Dialética do esclarecimento, que, fazendo par com a *Minima Moralia*, elabora a crítica aos desenvolvimentos da racionalidade moderna, constatando que mesmo com todo o avanço científico e evolução das técnicas, ao invés de caminhar no sentido da emancipação social, a humanidade se torna cada vez mais submissa e sem perspectivas históricas que acenem com um futuro seguro e feliz. Do interior destas obras, buscaremos indícios do sequestro da subjetividade no capitalismo avançado.

A obra *Minima Moralia* compõe-se de 153 aforismos escritos entre 1944 e 1947, no intervalo entre a redação do conjunto de textos da Dialética negativa, e partilha o mesmo propósito apontado no Prefácio de Dialética do esclarecimento que é “investigar por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 11).

A obra *Minima Moralia* aparece pela primeira vez em 1951, tendo sido escrita entre os anos de 1944 e 1947. Em um emaranhado de 153 aforismos, Theodor Adorno mergulha vertiginosamente na crítica à nova barbárie que toma conta do mundo contemporâneo, produzindo danação à vida e às relações, e danificando as esperanças de um futuro dignamente humano. Eventos como a *shoah* e a Segunda Guerra mundial, indicam que “a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (Adorno, 1993, p. 11). Frente às evidências de uma "vida danificada", Adorno entende que não é possível tratar teoricamente as questões nos moldes em que a ciência atua, com formalidade neutra, e segundo uma metodologia passiva frente aos fenômenos do dia a dia. Dessa maneira, opta pelo aforismo e sua feição dialética, almejando a produção de uma experiência de leitura de um gênero textual:

[...] cuja forma estaria em tensão concreta com a forma socialmente predominante, sendo capaz de superar, assim, as suas limitações e violências. Nesse sentido, Adorno buscaria nessa experiência, boa, o estabelecimento de um ponto de sustentação para a crítica das tendências sociais hegemônicas, más, ensejando aí a abertura para processos de reinformação social, de superação e transformação da forma de vida atual” (Lee, 2019, p. 9).

A obra entrega nos diversos relatos ou constatação das transformações recentes, um diagnóstico do tempo presente, na forma como a civilização atual se apresenta. Debruça-se sobre aspectos da vida ordinária, tanto no âmbito privado quanto público, enumerando os desdobramentos no meio intelectual, profissional, na cultura e nas esferas

da produção e do consumo. Faz ecoar, assim, apontamentos sobre a reificação, como presença “das potências objetivas que determinam até no mais recôndito a existência individual” (Adorno, 1993, p. 9). O Sujeito, assim, comparece com uma singularidade partida, que não se inscreve em noções coletivas como “espírito”, “classe”, “massa” ou “partido” e sim, como indivíduo reduzido à condição de pária social. As *Mínima Morália* recusam o modelo lógico e apriorístico do sujeito do iluminismo, centrado, unificado, dotado da capacidade racional, de consciência e de ação desde o nascimento e ao longo de sua existência. Dessa forma, descentrado e não fixo, o sujeito mergulha na inteira incapacidade de se pronunciar e narrar a “experiência espiritual” do mundo contemporâneo.

A teoria crítica da sociedade, encampada pelos frankfurtianos, compreende os efeitos do desenvolvimento tecnológico como parte da tragédia civilizatória que se impôs sobre a humanidade, na medida em que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia nos séculos XIX e XX ampliou o escopo da dominação da natureza, tanto a física, quanto a humana. O progresso técnico-científico produziu uma nova forma de racionalidade, onde a própria tecnologia passou a ter vida própria, enquanto a esfera humana passou a ser controlada pelas máquinas. A tese que Adorno e Horkheimer buscam sustentar é que, “do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia” (Adorno, 1985, p. 11).

Para encontrar o ponto de contato entre o esclarecimento e o mito deveremos, portanto, descartar a noção de órbita, cuja imagem nos aponta uma aparência de que um está distante do outro. No entanto, a teia narrativa de Adorno e Horkheimer nos mostram que esclarecimento, inicialmente, nada mais é do que a força de dominação da natureza. Por isso ele não poderia abdicar de uma forma de conhecimento que lhe fosse demonstrativa das possibilidades de intervenções sobre a natureza. As ciências são o principal braço dos projetos de intervenção e como manifestação histórica moderna afinada ao esclarecimento, devem operar sobre a natureza desencantada.

Uma forma de apreensão do mundo que esteja em sintonia com a dominação da natureza não pode ser outra, senão aquela que ordena seu objeto segundo critérios racionais de seu controle. Toda realidade se submete ao princípio totalitário da organização administrável, que, imperialista, se impõe como regra de pensamento, e como tal, demonstra: “aversão à dúvida; temeridade no responder; o vangloriar-se com o saber; timidez no contradizer; o agir por interesse; preguiça nas investigações pessoais; o

fetichismo verbal; o deter-se em conhecimentos parciais” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 19).

O modelo de conhecimento validado pela modernidade ocidental, que privilegia os métodos em vez dos fins, e valida a identificação entre sujeito e objeto como mecanismo de síntese última e verdadeira do real, anula o pensamento negativo e inaugura uma fase do movimento histórico em que se processa a dissolução do sujeito – que não é mais em si – embora ele ainda acredite ser autônomo, consciente de sua situação social e independente dos processos a que se ver envolvido.

3 - A dança dos aforismos que se encontram: o destroçamento da subjetividade na primeira parte da *Mínima Moralía*

Neste tópico pretendemos elucidar elementos e imagens relativas à experiência subjetiva na primeira parte da obra *Minima Moralia*, destacando os fragmentos que põem em questão a dissolução da subjetividade no mundo contemporâneo. Outro propósito deste item é identificar aspectos que atestem o enfraquecimento do contato, destacando os hábitos que sustentavam a experiência social e as formas culturais no capitalismo avançado.

A questão da anulação da subjetividade é uma sintomática das formas de organização da produção, impulsionada pela esfera econômica. Para Adorno, trata-se de um quadro definido como pós-existência, que opera na extinção dos vínculos a grupos, na deserção a projetos coletivos. Resta, assim, uma porosidade fluida, onde as pessoas perdem sua individualidade, passando a ser conduzidas como massas, moldadas a partir dos interesses da esfera comercial, ou seja, percebe-se que as relações são pautadas por interesses imediatos, ao invés do cultivo de relações recíprocas de afeto. São, portanto, relações escusas, que jogam por terra as marcas do projeto burguês, que se sustentava a partir da impressão de seus rastros, que demarcava sua passagem pela terra.

E assim, para Adorno (1993), inúmeras pessoas fazem sua profissão exatamente daquilo de que decorre a liquidação da mesma profissão. Substitui-se a amabilidade e a doce cordialidade, promotoras de estima e consideração, pela ideia de uma justa ação, ressignificando o sentido de justiça, que passa a ser entendida como capacidade de tudo desculpar e relevar, até mesmo a mais dura infâmia. Esse entrelaçar de comiseração e cinismo, provoca a repulsa às emoções, como afetos inoportunos, ou sentimentalismo barato. A consequência mais clara é o afastamento das atividades intelectuais, mergulhando-se numa bestialidade que afasta o pensamento da ocupação com níveis

espirituais, perdendo-se o usufruto do pensamento reflexivo. (Adorno, 1993). Assim vivendo, as pessoas adulteram o sentido de certas categorias conceituais, como é o caso da justiça, que passa a ser vista como perdão, onde os indivíduos, tocados por essa lógica, de tudo são capazes, até mesmo de amar. Esse é o ponto alto de um individualismo tardio, que envenena o que porventura ainda restou do indivíduo.

As instituições modernas, mesmo aquelas mais bem alinhadas ao espírito burguês, como a família, perdem sentido, pois, se antes era vista como “elo de força e *locus* da produção da vida” (Adorno, 1993, p. 11), diante de membros estéreis em potência econômica e social, mergulha em uma melancólica putrefação, pois abaixa as armas de luta, principalmente a revolucionária. “A família torna-se, agora, elo de fraqueza, escárnio, imobilidade, silêncio e convivência” (Adorno, 1993, p. 11).

Lançando olhar sobre aspectos da vida prática imediata, Theodor Adorno discute o conjunto dos hábitos que se instauram a partir da subsunção da condição de sujeito. Diz ele que alguns sintomas dessa nova condição são patentes, como a avareza, tão presente em nossa época. Assumindo essa condição, para alguns, “nada é muito caro quando se trata de si e tudo muito caro quando é para os outros. Ele pensa por equivalências e toda a sua vida privada está submetida à lei de dar sempre menos que o recebido, porém sempre o suficiente para que se receba algo em retorno” (Adorno, 1993, p. 25).

Além dessa tônica da avareza, que estremece laços de cortesia e civilidade, outra marca fundante dos novos tempos “é que nenhum ser humano, sem exceção, é capaz de determinar sua vida num sentido até certo ponto transparente, tal como se dava antigamente na avaliação das relações de mercado. Em princípio, todos são objetos, mesmo os mais poderosos”. (Adorno, 1993, p. 28) Isso implica a total perda da autonomia, que no limite, representava a condição superior dos homens frente à natureza e aos outros animais. Sem destreza para pensar, sem liberdade para agir, os humanos se transformam, eles mesmos, em produtos, entendidos como algo dotado de valor, mensurado pela capacidade de servir ao sistema econômico, que age sobre todas as coisas, como campo de negócios. Dessa maneira, a objetividade, como traço identificador das relações dos humanos com os outros e com o mundo, torna-se uma ideologia, que tem por objetivo “tratar os homens como coisas” (Adorno, 1993, p. 29).

A avareza, praticada como marca das novas identidades, é sentida no fato de pessoas estarem desaprendendo a dar presentes. A este fator some-se a desconfiança de quem dá algo. Dessa forma, no interior das corporações e mesmo na vida privada, “já não há mais lugar para a emoção humana, nem mesmo os resquícios de quando se encontrava

felicidade na felicidade do receptor pode ser percebido. Deixou-se de pensar no outro como sujeito” (Adorno, 1993, p. 33). Adorno aponta que vigora, atualmente, um novo acordo sobre o tempo, que tem como traço a marca da irreversibilidade. O passado não volta, nem como ontem, nem como hoje, pois é sepultado na medida em que a força das narrativas está dando sinais de declínio. Muito desse esquecimento do passado, relaciona-se com a preferência pelo futuro, como promessa de redenção do sofrimento imposto pelas limitações da vida ordinária, que serão extintas em um futuro gracioso de progresso e realizações. Isso relaciona-se, intimamente, com o mito de que o tempo seja um conceito abstrato, independente da vontade dos homens, que transcorre de forma linear, de um momento primordial, até o progresso absoluto. Contudo, o que se verifica olhando os diferentes momentos da humanidade, é que as condições sociais e econômica, construída pela vontade humana, institui um acordo com determinados grupos, impondo processos de dominação e de exclusão de determinados grupos, limitando mobilidade de certos grupos, que se tornam hermeticamente estanques.

Esse quadro se avoluma e se cristaliza com a invenção da grande indústria, que mobiliza o tempo de uso dos objetos, conforme sua lógica e preferências. Dessa forma, as pessoas passam a ser, elas próprias, uma espécie de propriedade, podendo ser trocadas. Quando um produto não recebe a adesão de determinados grupos, é reconfigurado para ser acessado por outros grupos. A mercadoria, inclina-se ao consumo, e as pessoas, ao descarte total.

No âmbito do mercado, o sistema de funções automatizadas, legado pela revolução industrial, faz com que ninguém se interesse pela satisfação do cliente. Ninguém mais é capaz de ler em seu rosto o que lhe agradaria, pois “o garçom não conhece mais os pratos, e se ele próprio sugerisse alguma coisa, teria que estar preparado para censura por ultrapassar o que é de sua competência” (Adorno, 1993, p. 43). Quanto mais nos aproximamos da esfera da existência imediata, física, tão mais questionável torna-se o progresso, que causa horror a si mesmo, ao buscar reunir, ainda que de um modo apenas simbólico, as funções do trabalho separadas pelo cálculo e desprovidas de sentimento, limitando-se, apenas, aos gestos vazios de afetos e sentimentos, tanto entre os membros das corporações, quanto em relação aos clientes. A superficialidade que se interpõe entre as pessoas toma de conta também dos comportamentos individuais, legando às ruas e passarelas, aparências de pessoas aborrecidas, esguias, eretas, esforçando-se por parecer jovem, embora já maduras. Nos restaurantes, por exemplo, a única função dos/das recepcionistas, “é zelar para que o cliente que está entrando não

escolha sequer, ele mesmo, a mesa, onde se aciona sobre ele e a empresa” (Adorno, 1993, p. 44).

Trata-se de um total entrelaçamento entre progresso e regressão, tomado pela forma das possibilidades técnicas. A mecânica das máquinas, que agem sobre os negócios e interesses, emolduram todas as ocorrências da vida ordinária, extrapolando valores como originalidade e aura, identidade e vontade, reproduzindo até o infinito os fenômenos que dão sentido à nova sensibilidade, e gere ganhos à indústria. Assim, os produtos ganham autonomia frente à negação da emancipação dos sujeitos que se tornam, eles mesmos, objeto descartável. Para Adorno, a identificação a essa lógica do transitório e do descartável, faz com que as pessoas se considerem progressistas e quem assim não se comporta, passa por reacionário e provinciano.

Ao progresso técnico deseja vãos abertos, nenhum encalhe, frente ao projeto de produção desenfreada de objetos, sejam eles identificados como mercadoria, como produto cultural ou comportamentais. Assim, o tempo da experiência, da fruição e do gozo estético, do ócio e do afastamento da noção de utilidade, passa a ser visto como incômodo e desnecessário. Por isso, “ir atrás dos outros, atropelar-se, fazer filas, tudo isso substitui por toda parte as necessidades de certos modos racionais. A raiva que se tem de uma composição radical, moderna demais, não é muito menor do que a que se nutre em relação a um filme que já está há três meses em cartaz, ao qual as pessoas preferem a qualquer preço o mais recente, embora não se diferencie em nada daquele” (Adorno, 1993, p. 52). Trata-se de um *frenesi* que sustenta o consumismo na sociedade de massa, que a nada pode deixar escapar, na profusão desenfreada de desejos sempre insaciáveis pelo que há de vir.

A produção técnica desenfreada elimina o luxo e instaura o descartável e a cópia como novidade. Dessa forma, nivela o acesso de produtos aos segmentos sociais, sem reserva a privilégios, na promessa de satisfação e possibilidade de satisfação e gozo. A felicidade, prende-se, assim, ao não-tangível, ao que é disponível. A humanidade se desobriga de qualquer esforço de argumentação formal, pois antes disso, vigora a felicidade do acesso aos produtos da vitrine e da moda do *prêt-à-porter*. O caráter fetichista, que denota a utopia do qualitativo, perde lugar para o descartável-acessível. Aquilo que, graças à sua diferença e unicidade, gera destaque e posição superior, fica restrito a camadas exclusivas, enquanto um reino do acesso, anima as massas. Para Adorno (1993):

O luxo prático moderno é um contrassenso, do qual ainda podem viver os falsos príncipes russos que se põem ao soldo da gente de Hollywood como decoradores de interiores. As linhas do gosto vanguardista convergem na ascense. Uma criança, que ao ler as Mil e uma noites se extasiava com os rubis e as esmeraldas, já pergunta em que consistia propriamente a felicidade de possuir tais pedras, posto que elas são descritas precisamente, não como um meio de troca, mas como algo que permanece entesourado (Adorno, 1993, p. 56).

Esse lugar marginal que a razão passa a ocupar na modernidade, é a questão central que envolve a dialética do esclarecimento. O esclarecimento é tão racional, quanto irracional. Em sua função mais nobre, questiona e torna consciente a idolatria. Em sua outra face, volta-se contra seu próprio objetivo, perdendo seu campo de justificativas, plainando na esfera das ideologias e manipulações, sem distinguir intenção alguma.

A postura gerada pela ideologia imperante gera comportamentos como os descritos no Novo Testamento: “Quem não está comigo, está contra mim”. Essas são “palavras que sempre vieram do fundo do coração do antissemitismo. Um dos elementos básicos da dominação é remeter ao campo dos inimigos por causa da simples diferença todo aquele que não se identifica com ela” (Adorno, 1993, p. 54). A partir do momento em que o mundo reduziu os homens ao silêncio, aquele de quem não se pode falar passa a ter razão. Na reivindicação do defeito da racionalidade, está vivo o pressentimento de que, no estágio atual, o espírito objetivo liquida o subjetivo. Porque, a despeito de um desenvolvimento histórico, que produziu artefatos técnicos sem precedentes, os trabalhadores sabem cada vez menos que são trabalhadores. Isso é favorecido pelo próprio desenvolvimento econômico e no fato de que o desenvolvimento técnico tenha atingido um estágio que permite a todos desempenhar quaisquer funções. Pertencer à elite parece algo alcançável por qualquer um. Aguarda-se apenas a cooptação. No entanto, privilegia-se quem melhor se adapta. Decerto, os eleitos permanecem uma ínfima minoria, mas a possibilidade estrutural basta para manter com sucesso a ilusão de igualdade de oportunidades em um sistema que eliminou a livre concorrência que vivia daquela ilusão.

Os tempos modernos transformaram, há muito tempo, a venda do que é vivo, prática ordinária, pois, sob a lógica da comercialização, os sujeitos se transformaram em objetos, em coisa a ser trocada, em equipamento de uma mesma engrenagem. O mercado vira um Eu Soberano, a quem o homem deve servir, como se fosse parte indivisível da empresa. Dessa maneira, se torna inteiramente abstrato, mero ponto de referência, sem traços de autonomia e sem marcas de liberdade. Essa condição consome a objetivação radical e doentia dos sujeitos, e denota o caráter psicótico que se desdobra na aceitação

do que é estabelecido de cima para baixo, de fora para dentro, mortificando a espontaneidade, transformando as pessoas em seres disponíveis, decifráveis pelos comandos de quem manda.

4 - Educação para que? Reflexos da dessubjetivação do sujeito na esfera educativa

O quadro geral até aqui apresentado dá conta, inicialmente, de esboçar o cenário cinza da cultura contemporânea, segundo a abordagem de Theodor Adorno. Contudo, ao tempo em que a indústria cultural cumpre a função de promover a dominação dos grupos por meio da lógica da validade das aparências, alavanca a abertura para questões importantes que, embora já bastante discutidas, cabem ainda no debate filosófico, especialmente em função da extrema necessidade de saídas que todos sentimos nas diferentes esferas da vida, saídas essas que se vêm embaraçadas na falta de perspectivas alentadoras para o fazer cotidiano, para nossas atuações profissionais, e no plano científico, que alimentem um pensamento capaz de nos permitir compreender o momento presente.

No cerne das reflexões que tentam explicar os mecanismos castradores da autonomia, a posição de Adorno se faz central, já que para ele a indústria cultural, que “atrofia a imaginação e a espontaneidade do consumidor cultural” (Adorno, 1985, 119), é sempre um referencial importante. Segundo Martin Jay (1988, p. 43), leitor de Adorno, a indústria cultural investe na destruição da crítica. É, portanto, predisposta à reafirmação da sociedade em seu molde atual, destituído de crítica. A tônica que constitui a subjetividade contemporânea é a lógica da dialética racionalidade x irracionalidade, quer dizer, existe uma organização racional constituidora de padrões e meios de divulgação do produto cultural, que, enquanto age, esvazia as possibilidades emancipatórias e críticas dos sujeitos. Esta “racionalidade” equivale aos propósitos da indústria cultural que visa imprimir um clima cultural geral de irracionalidade.

O grave lamento dos frankfurtianos nos permite, a partir de seus próprios argumentos, encontrar vieses à compreensão de tensões contemporâneas. Entre estas, destacamos a questão da construção da emancipação do homem, delegada a várias esferas e instituições modernas, nenhuma delas dando conta de apresentar resultados alentadores. Da esfera da educação, pela amplitude de suas possibilidades, espera-se muito. Adorno defendeu algumas “posturas” através das quais a educação poderia ser uma alavanca importante para a afirmação da emancipação humana, atribuindo certas funções e

defendendo um olhar engajado através do qual se pudesse lutar pela extinção do espírito da barbárie. Contudo, sabemos que a idéia de uma formação para a autonomia engloba elementos que extrapolam o nível da prática individual de professores e alunos. Estes agentes são envolvidos em aspectos políticos, econômicos e culturais do meio onde operam, sofrendo com as interveniências dos sistemas, que são também norteados por aspectos filosóficos e políticos igualmente determinados.

Os debates sobre o cenário educacional, dos meios e fins educativos, dos aspectos sociológicos, antropológicos e pedagógicos que perpassam a escola como *locus* de formação privilegiado são inúmeros. Segundo constata Filipe Ceppas (2003, p. 8), “no século XX, as análises sociológicas de problemas relativos à formação, produção intelectual, cultura e sociedade ganharam maior sistematicidade e relevo, ainda que a filosofia nunca tenha deixado de tematizá-los”. As teorias pedagógicas, por sua vez, têm se valido da filosofia para tentar lançar alguma luz sobre o cenário educacional, elaborando conceitos e definindo práticas a partir de certos enfoques filosóficos.

Filipe Ceppas, falando especificamente sobre o ensino de filosofia, defende que o potencial da teoria crítica pode contribuir para a melhoria da formação, aumentando, assim, as possibilidades de se imprimir, no ensino, o critério da crítica, indispensável para as transformações qualitativas do processo formativo:

Ao enfrentar a questão do esclarecimento e da emancipação, a teoria crítica (de Adorno) ajuda diretamente, portanto, na reflexão de propostas de ensino (...) que pretendem enfrentar (...), nos limites do trabalho docente, o problema das promessas não cumpridas de aperfeiçoamento humano associados à formação (*Bildung*), enquanto processo cultural sistemático de apreensão, síntese e realização de valores herdados e em constante transformação; processo no qual se pode reconhecer, historicamente, e ao menos nominalmente, o predomínio da valorização da razão e do pensamento crítico. Acima de tudo, enquanto esforço sistemático de trabalho intensivo com uma noção de crítica que se quer própria ao estágio atual da reflexão filosófica, o pensamento (...) pode interessar mais de perto, evidentemente, a professores e pensadores que ainda esperam encontrar nesta noção um apoio conceitual relevante para a teoria e a prática do ensino (Ceppas, 2003, p. 73).

Considerações finais

Para efeito de conclusão desse trabalho, gostaríamos de nos referir ao que Adorno veio a denominar “sociedade da semi-informação”, como o mesmo fenômeno que Marx chamou de “alienação”, Baumann de “sociedade líquida” e Hall de “sociedade descentrada”. Esses fenômenos surgem e são devido às contradições inerentes ao sistema capitalista de produção que se organizou a partir do advento do desenvolvimento

acelerado da ciência e da técnica, que por um lado proporcionou à sociedade possibilidades jamais vistas na resolução de suas demandas e, por outro, trouxe problemas novos e que se apresentam como intransponíveis, pelo menos, nos marcos do modelo atual.

De modo que a “semiformação”, do sujeito pós-moderno, a sua “alienação”, seu “descentramento”, a tal “sociedade líquida” na qual o sujeito está imerso e ao mesmo tempo diluído, é o que restou como produto do desenvolvimento “tardio” do capitalismo na atual fase de desenvolvimento, tida por pós-modernidade, onde os indivíduos são subtraídos de sua condição natural de existência e consciência e levados a um outro plano, de “outro ser”, ou, simplesmente, de um “não-ser”, levado a não compreender o que se passa consigo próprio e ao seu redor, servindo a interesses que não são seus, mas colocados e entendidos como se assim o fossem.

A pertinência de possibilidades emancipatórias precisa tomar seu lugar no pensamento e na prática. A celebração de saídas ainda precisa se fazer enxergar, pois percebemos que cada vez mais os controles políticos e culturais se expandem nessa era que se faz cada vez mais belicista, perigosa, na imposição de uma lógica imperialista que privilegia os massacres, sem sinalizar nem minimamente que seja para o respeito à alteridade.

Apesar desse quadro sombrio, sabemos que toda a situação que gerou essa tônica é histórica e, portanto, socialmente produzida. E, assim sendo, mesmo que os recursos de reação contra esse quadro ainda não tenham manifestado força suficiente para inibi-lo, compete à vontade humana a criação das condições para tal. Pois a sujeição dos homens à dominação sistemática promovida pela *indústria cultural*, que é sustentada subjetivamente, gera um quadro de subjugação, que só pode ser voluntário, na medida em que os homens se contrapõem à mudança. Nesse sentido, faz-se necessário o desvelamento dos mecanismos que fazem com que os homens alimentem uma preferência pela manutenção do *status quo*.

Referências

ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

ADORNO, T. *Minima Moralia*. Tradução de Luiz. Eduardo Bica. São Paulo: Ática, 1992.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO, T. *The Adorno Reader*. Edited by Brian O'Connor. London Blackwell, 2000.

BAUMAN, Zygmund. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CEPPAS, Felipe. *Formação filosófica e crítica: Adorno e o ensino de filosofia em nível introdutório*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro. PUC, Departamento de Educação, 2003.

ESTEVEZ, Lucas Fiaschetti. Cem anos da Escola de Frankfurt: uma conversa com Martin Jay. *Tempo Social, Revista de Filosofia da USP*, v. 35, n. 3, Set-Dez., 2023.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JAY, Martin. *As idéias de Adorno*: Tradução de Adail Ubirajara Sobral. S. Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de S. Paulo, 1988.

KOTHE, Flávio René. *Benjamin & Adorno: confrontos*. S. Paulo: Ática, 1978.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. S. Paulo. Companhia das Letras, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A 'nova' direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Indústria Cultural e Educação: o novo canto da sereia*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

Recebido em: 20/07/2024.

Aprovado em: 02/12/2024.